

Educar para a palavra

Manual de apoio para o professor

1. Ponto de Partida

A leitura e a escrita constituem competências estruturantes no desenvolvimento não só académico, mas também pessoal da criança e do jovem. Mais do que aprendizagens que pertencem ao currículo pedagógico, são ferramentas que sustentam o acesso ao conhecimento, à capacidade de dar significado a tudo o que os rodeia e à participação ativa na sociedade. Ler não é apenas decifrar palavras, escrever não é apenas organizar frases. Ambas implicam compreender, interpretar, relacionar, questionar e comunicar com intencionalidade.

Num contexto educativo, cada vez mais exigente, a leitura e a escrita assumem-se como uma poderosa ferramenta de pensamento crítico. É através da leitura que as crianças e os jovens aprendem a analisar as informações, distinguem factos de opiniões, reconhecem diferentes perspetivas e constroem argumentos fundamentados. É através da escrita que organizam o pensamento, clarificam ideias, estruturam raciocínios e desenvolvem a sua autonomia intelectual. Assim, promover a leitura e a escrita é essencial para incentivar a capacidade de pensar de forma consciente, reflexiva e responsável.

Este manual surge para apoiar o/a professor/a nesse grande desafio. Pretende oferecer estratégias práticas, aplicáveis em contexto de sala de aula e adaptáveis aos diferentes níveis de ensino. Mais do que apresentar atividades isoladas, procura fornecer orientações que possam ser integradas de forma consistente na prática pedagógica, favorecendo a formação de futuros leitores e escritores autónomos e competentes.

2. Das dificuldades às soluções

Vamos partir das dificuldades dos alunos. Este é um passo crucial para que a intervenção pedagógica seja realmente eficaz e significativa. Em qualquer problema do dia a dia, se não conseguirmos identificar realmente a sua origem mais dificilmente iremos encontrar uma solução. Neste caso, sem perceber onde está o obstáculo, o/a professor/a corre o risco de aplicar estratégias genéricas que podem não responder às necessidades reais de cada aluno. Identificar as dificuldades não é apenas detetar problemas, é permitir que o/a professor/a consiga agir com eficácia, criando experiências de aprendizagem positivas e com impacto.

De acordo com um estudo da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), divulgado em setembro de 2025, os principais motivos de quem não lê são: 46% referem a falta de interesse, 39% a falta de tempo e 35% preferem outras ocupações nos tempos livres. Será que podemos ter um papel preponderante no processo de mudança destes números?

Comecemos por criar uma *checklist* das principais dificuldades que habitualmente são identificadas.

Aproveite esta lista para assinalar as que correspondem às dos seus alunos. Iremos deixar também algumas linhas em branco, para que possa preencher de acordo com o que observa diariamente com a sua experiência prática:



Falta de motivação para a aprendizagem.

(Que estratégias pedagógicas inovadoras podemos utilizar para motivar os alunos?)



Os alunos percecionam a leitura e a escrita apenas como obrigação.

(Como podemos mostrar aos alunos a importância da leitura e da escrita para o seu futuro?)



Muitos alunos conseguem ler palavras ou frases, mas não conseguem entender o real significado do texto.

(Como podemos direccionar os alunos para uma reflexão mais intencional do que estão a ler?)



Experiências negativas no passado, ou falta de contacto com textos significativos, reduzem o empenho.

(Como podemos “fugir” dos modelos de ensino tradicional, para implementar momentos que se tornam verdadeiras boas memórias?)



Limitação na construção de frases mais complexas ou em responder a perguntas com maior exigência de interpretação.

(Como podemos acrescentar vocabulário e desenvolver a capacidade de reflexão?)



Os alunos não sabem como começar este processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

(Como podemos ser os impulsionadores de aprendizagens significativas?)

Nos próximos pontos, tentaremos ajudar a dar resposta às várias questões que fizemos anteriormente.

3. Leitura em ação

3.1 Leitura ativa

Saber ler é essencial, e a pouco e pouco é uma aprendizagem que se vai adquirindo. Porém, apenas passar os olhos pelo texto não garante que o/a aluno/a se irá lembrar do que leu ou se compreendeu efetivamente o conteúdo.

Esta preocupação leva-nos a decifrar o que é a **Leitura Ativa**. Partimos do seu significado, sendo uma forma intencional e participativa de ler, em que o/a aluno/a irá interagir com o texto, em vez de apenas o percorrer com os olhos. O/A aluno/a não irá ler apenas as palavras, vai construir o seu significado.

Mas como podemos desenvolver a leitura ativa?

Uma das estratégias a que podemos recorrer é a aplicação de **Powerful Questions** (perguntas poderosas). Em definição, são questões abertas, desenhadas para estimular uma reflexão mais profunda. Com este tipo de questões vamos evitar respostas simples, como "sim" ou "não", promovendo a criatividade e a motivação de forma espontânea.

Para entender algo complexo, faça uma pergunta simples.

Alan Duffy

Da teoria à prática

(exemplo de atividade prática para aplicar a estratégia anterior)

Público-alvo: Pré-escolar

Atividade: Detetives de histórias

Material:

- História simples e maioritariamente com imagens;
- Cartão com imagem representativa de detetive;
- Chapéu de detetive para cada aluno (opcional).

Descrição:

O/a moderador/a assume o papel de mediador/a da leitura, orientando todo o processo de forma intencional e estratégica. Ao longo da atividade, em momentos previamente definidos (antes, durante e após a leitura), levantará o cartão “Detetive”, como sinal visual de que os alunos deverão assumir um papel ativo na construção da história.

Esse gesto simbólico indica que é o momento de “pôr o chapéu de detetive”, isto é, de observar com atenção, formular hipóteses, interpretar pistas e participar de forma reflexiva. As questões feitas são cuidadosamente selecionadas para provocar a reflexão e a criatividade, levando os alunos a pensar de forma ativa e quase intuitiva, sem se sentirem pressionados ou sujeitos a avaliação.

Alguns exemplos de questões que podem ser elaboradas:

- Antes da história:
 - O que acham que vai acontecer?
 - Quem pode ser esta personagem que se encontra na capa do livro?
 - Onde se irá passar esta história?
- Antes da história:
 - O que será que a personagem vai fazer agora?
 - Porque será que a personagem está triste/feliz?
 - O que será que esta imagem nos diz como pista para o que vai acontecer a seguir?
- Antes da história:
 - O que aprendemos com esta história?
 - Já vos aconteceu algo parecido?

3.2. Leitura com propósito

Enquanto a leitura ativa se refere à forma como o leitor lê, a leitura com propósito refere-se à intenção que orienta o leitor no momento. A leitura ativa dá profundidade, enquanto a leitura com propósito dá a direção. Podemos dizer que se complementam, mas vamos neste momento explorar a técnica de **Leitura com Propósito**.

A **leitura com propósito** consiste em ler com uma intenção clara e bem definida. Antes de iniciar a leitura, o leitor/aluno sabe previamente porque está a ler e o que pretende retirar do texto. Seja identificar uma ideia principal, recolher uma informação específica, compreender um conceito ou preparar um debate, por exemplo.

Ao estabelecer um propósito, a leitura torna-se mais focada e eficaz, pois o leitor/aluno irá procurar as melhores estratégias para selecionar a informação relevante e manter uma maior atenção ao longo de todo o processo. Definir o propósito antes da leitura orienta os/as alunos/as, promovendo a sua autonomia e a sua capacidade para desenvolver uma compreensão mais profunda e significativa.

Da teoria à prática

(exemplo de atividade prática para aplicar a estratégia anterior)

Público-alvo: 1.º ciclo

Atividade: Missão Secreta de Leitura

Material:

- Texto/história adaptada ao ano de escolaridade e nível de aprendizagem do grupo;
- Cartões com diferentes missões (o mesmo número de participantes do grupo);
- Lápis de cor para sublinhar.

Descrição:

Antes de o grupo iniciar a leitura do texto, o/a professor/a deve entregar a cada aluno um cartão com uma tarefa/missão específica (cada cartão deve ter uma cor diferente, sendo a cor que os alunos irão utilizar para sublinhar no texto a informação que dá resposta à sua missão).

Exemplos:

- Descobrir quem são as personagens principais;
- Identificar onde e quando acontece a história;
- Encontrar três palavras desconhecidas;
- Descobrir o problema da história;
- Descobrir quem são as personagens secundárias.;
- Encontrar três palavras com mais do que quatro sílabas.

Desta forma, os alunos vão ler o texto com uma maior atenção, sabendo exatamente o que devem procurar.

Após a leitura, é necessário criar um momento de partilha, para validar se as missões foram cumpridas com sucesso. Neste momento final, cada aluno deve partilhar o resultado da sua descoberta. Num quadro ou painel, o/a professor/a deve registar todas as informações recolhidas. Desta forma, será construída em conjunto uma análise global e mais aprofundada do texto.

Como recompensa, o grupo recebe a medalha de “Missão cumprida com sucesso”.

4. Da ideia ao texto

4.1 Escrita como processo

Com o intuito de fomentar a motivação para uma aprendizagem e desenvolvimento da escrita mais ativa e positiva, vamos partir da ideia de que a escrita não é apenas escrever palavras numa folha, é um processo de construção que pode ter significado. Para que o aluno aprenda a organizar ideias, expressar pensamentos e consiga evoluir na sua construção de textos, vamos explorar a abordagem **Escrita como Processo**.

Na perspetiva da escrita como processo, a escrita não surge como um produto final imediato, mas resulta da passagem por um conjunto de etapas interligadas.

1.ª Etapa: Planeamento (pré-escrita) – Fase em que é escolhido o tema e são recolhidas algumas ideias. Momento inicial de organização da informação importante.

2.ª Etapa: Redação do texto – Fase em que as ideias inicialmente recolhidas são transformadas em frases. Nesta fase, damos destaque à criatividade e à coerência no texto, sem dar grande destaque à correção de erros e da gramática (será algo a realizar na etapa seguinte).

3.ª Etapa: Revisão – Fase em que se verifica se existem erros gramaticais, ortográficos e de pontuação, de modo que sejam corrigidos. Será também nesta fase que o escritor/aluno

deve avaliar se o seu texto cumpre o pedido ou os objetivos propostos.

4.ª Etapa: Reescrita (texto final) – Fase em que há uma melhoria do vocabulário e de toda a estrutura. Rer, reescrever e melhorar, as vezes que se considerar necessário, para ter o texto definitivo em que o aluno sinta que é realmente um bom produto final.

Da teoria à prática

(exemplo de atividade prática para aplicar a estratégia anterior)

Público-alvo: 2.º ciclo ou 3.º ciclo

Atividade: Troca de opiniões

Material:

- Folhas e material de escrita

Descrição:

A atividade apresentada deve ser realizada em grupo, apesar de certos momentos serem concretizados individualmente.

Numa primeira fase, será realizado um debate em grupo, com o objetivo de cada aluno recolher o máximo de ideias que correspondam à sua opinião e que possam contra-argumentar as opiniões opostas. O/a professor/a irá fazer a grande questão (algo próximo da realidade dos alunos), sugerimos:

Os trabalhos de casa devem existir?

Na fase seguinte, cada aluno, individualmente, deve escrever o seu texto, com a sua opinião, respeitando a estrutura. Esta estrutura deverá ter uma pequena introdução, na qual apresenta a sua opinião, o desenvolvimento, em que irá descrever os seus argumentos, apresentando exemplos sempre que possível, e terminará com um reforçar da sua posição.

Com o texto concluído, estamos prontos para avançar para a parte da revisão, que será realizada em pares. Entre pares, devem trocar os textos, em que o papel de cada um será fazer a revisão, identificando erros de escrita, gramaticais ou de estrutura das frases.

Concluimos o processo de novo de forma individual, sendo que cada aluno recebe o seu texto e reescreve de acordo com as devidas sugestões de melhorias e correções. Neste momento, temos orgulhosamente o texto final.

Sugerimos que os trabalhos realizados sejam expostos, numa exposição intitulada “Opinião com forma”, não com foco na partilha de ideias, mas para destacar a forma como cada aluno escreveu e desenvolveu o seu texto.

4.1 Escrita criativa estruturada

Muitos alunos têm ideias, mas quando chega o momento de escrever, acabam por bloquear. Não sabem como começar, como organizar o texto ou mesmo como concluí-lo. A ansiedade da “folha em branco” pode levar muitas vezes à desmotivação, que indicámos inicialmente como uma dificuldade e preocupação no processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

A **Escrita Criativa Estruturada** é uma estratégia/técnica que vai combinar dois elementos essenciais. Por um lado, a criatividade e a originalidade, sem limitar a imaginação dos alunos, por outro lado, vai transmitir as orientações para a estrutura, estipulando uma organização com critérios claros, que vão apoiar todo o processo.

Ao contrário da escrita totalmente livre, que pode gerar bloqueios e/ou textos desorganizados, com esta abordagem os alunos terão um guia, mas sem nunca os limitar. Como se processa?

O/A professor/a apresenta um ponto de partida, por exemplo, uma situação, uma imagem, um conjunto de palavras ou um guião com etapas, que funciona como apoio à organização das ideias. Antes de escrever, os alunos planificam o que vão desenvolver e depois produzem o texto, seguindo a estrutura proposta.

Desta forma, a criatividade é estimulada enquanto o aluno é apoiado durante o processo de organização do pensamento, escrevendo com maior segurança e qualidade

Da teoria à prática

(exemplo de atividade prática para aplicar a estratégia anterior)

Público-alvo: Secundário

Atividade: E se...?

Material:

- Folhas e material de escrita

Descrição:

O/A professor/a irá definir o ponto de partida, desafiando o grupo a escolher uma das duas hipóteses, que irá desenvolver em texto individualmente:

E se, durante 24 horas, ninguém pudesse mentir?

OU

E se todas as memórias pudessem ser apagadas legalmente?

Os textos terão de seguir uma estrutura orientadora obrigatória. Nomeadamente:

1. Contextualização inicial, identificando onde e quando decorre a ação;
2. Devem incluir uma personagem com um conflito interno explícito;
3. Devem criar um momento que altera a narrativa;
4. Tornando a história mais emocionante, devem incluir uma consequência inesperada;
5. Não esquecer de incluir um final aberto ou reflexivo.

Além destas diretrizes, podem ainda ser incluídas mais algumas características importantes, tais como:

1. Devem incluir pelo menos dois diálogos entre as personagens;
2. Devem integrar uma frase interrogativa retórica;
3. A extensão do texto deverá ter entre 400 e 600 palavras.

No final, em pares, haverá uma troca de textos, em que cada um deve analisar se todos os critérios da estrutura foram seguidos, incluindo sugestões de melhoria.

Conclusão

Existem muitas estratégias ou técnicas pedagógicas que podem apoiar o processo de ensino da leitura e da escrita. Contudo, nenhuma delas é universal ou automaticamente eficaz. A sua pertinência depende sempre das características do grupo, do contexto, das necessidades específicas dos alunos e dos objetivos definidos. Não existem limites, existem desafios!

Promover a leitura e a escrita como práticas regulares deve ser uma prioridade, independentemente da área disciplinar. Ler e escrever não são competências exclusivas da disciplina de Português, são ferramentas estruturantes de aprendizagem, pensamento e participação crítica.

Resta-nos ainda lançar a ideia do/a professor/a enquanto mediador no processo de aprendizagem. Desta forma, deixa de ser um transmissor de conteúdos pedagógicos para passar a ser um facilitador no processo de construção.

Não se trata de ensinar a ler e a escrever, mas sim criar condições para que o aluno se torne um leitor e um escritor autónomo.

Enquanto um “professor transmissor” explica o texto, corrige os erros, dá as respostas e tem o foco no produto final, um “professor mediador” ajuda o aluno a descobrir o texto, orienta a reflexão, faz perguntas e promove o diálogo.

Terminamos com uma questão-chave dirigida a todos os professores que consultam este manual, não como crítica, pois reconhecemos plenamente os desafios quotidianos da profissão, mas como convite à reflexão:

Estou a facilitar que o aluno pense... ou estou a pensar por ele?

betweien